

ECONOMIA

“Não há razão para não trabalhar 20 ou 25 horas por semana”

Fred Block Sociólogo e professor na Universidade da Califórnia, Davis acredita que é possível mudar a forma como a sociedade está organizada e que mais tecnologia pode não ser sinónimo de maior desigualdade. Pelo contrário

Entrevista Camilo Soldado

Em Coimbra para um colóquio organizado pelo Centro de Estudos Sociais, em homenagem a Erik Olin Wright, também sociólogo norte-americano, que morreu há um ano, Fred Block defendeu que uma sociedade diferente é possível. Chamou-lhe “nove teses para o socialismo do século XXI”, numa conferência em que foi das alterações climáticas ao *Green New Deal*, da crise do sistema capitalista à necessidade de reformar o mercado de trabalho e a forma como avaliamos o crescimento económico.

O título do seu último livro, *Capitalism, The Future of an Illusion* (2018, não editado em Portugal), é uma referência ao livro de Freud, de 1927, *O Futuro de Uma Ilusão*. A ilusão a que o psicanalista austríaco fazia referência era a religião. No caso de Block, é o mercado. Em conversa com o PÚBLICO, o sociólogo fala da necessidade de reduzir o tempo que passamos a trabalhar e encontra pistas num tema normalmente pouco apontado como exemplo pela esquerda: a tecnologia. **Escreve sobre as distorções do capitalismo desde os anos 1970. Estamos pior agora do que estávamos antes?**

(Suspiro) Sim. Vejo uma série de etapas de declínio. Os anos 1970 foram um período de viragem em que havia uma real possibilidade de preservar as conquistas dos 30 gloriosos anos. Nesse contexto, entre esquerda e direita, a esquerda tinha uma abertura, por causa dos movimentos dos anos 1960 em vários pontos do globo. Mas perdemos essa batalha pela hegemonia. Não tivemos uma visão estratégica suficientemente forte. **Quando diz “nós”, diz “a esquerda”.**

Sim. Quando a direita calibrou o poder, na forma de Reagan e Thatcher, tivemos uma deriva global para o liberalismo de mercado. Houve o desmantelamento de muitas das reformas e de muitos dos mecanismos para controlar o capitalismo que tinham sido desenvolvidos para responder à grande depressão e à Segunda Guerra Mundial. Depois, as modificações políticas dos últimos 40 anos criaram esta desigualdade crescente nos rendimentos e na riqueza, que enfraqueceu



O capitalismo global precisa de um reboot. Mas não é apenas uma questão de ligar e desligar, mas de levar a cabo grandes reformas

instituições como os sindicatos, que estão muito mais fragilizados do que estavam nos anos 1970. Este enfraquecimento e o poder crescente dos oligarcas é parte do que torna as sociedades ocidentais mais vulneráveis ao autoritarismo. **Mencionou a desigualdade de rendimentos e de riqueza. É essa a principal ameaça à democracia?**

É. Por um lado, cria esta pequena classe de oligarcas, pessoas com muitos milhões de dólares, que têm esta enorme influência nos processos políticos. Nos Estados Unidos, as instituições democráticas estão penduradas por um fio. Se Trump for reeleito, será muito fácil prever um cenário

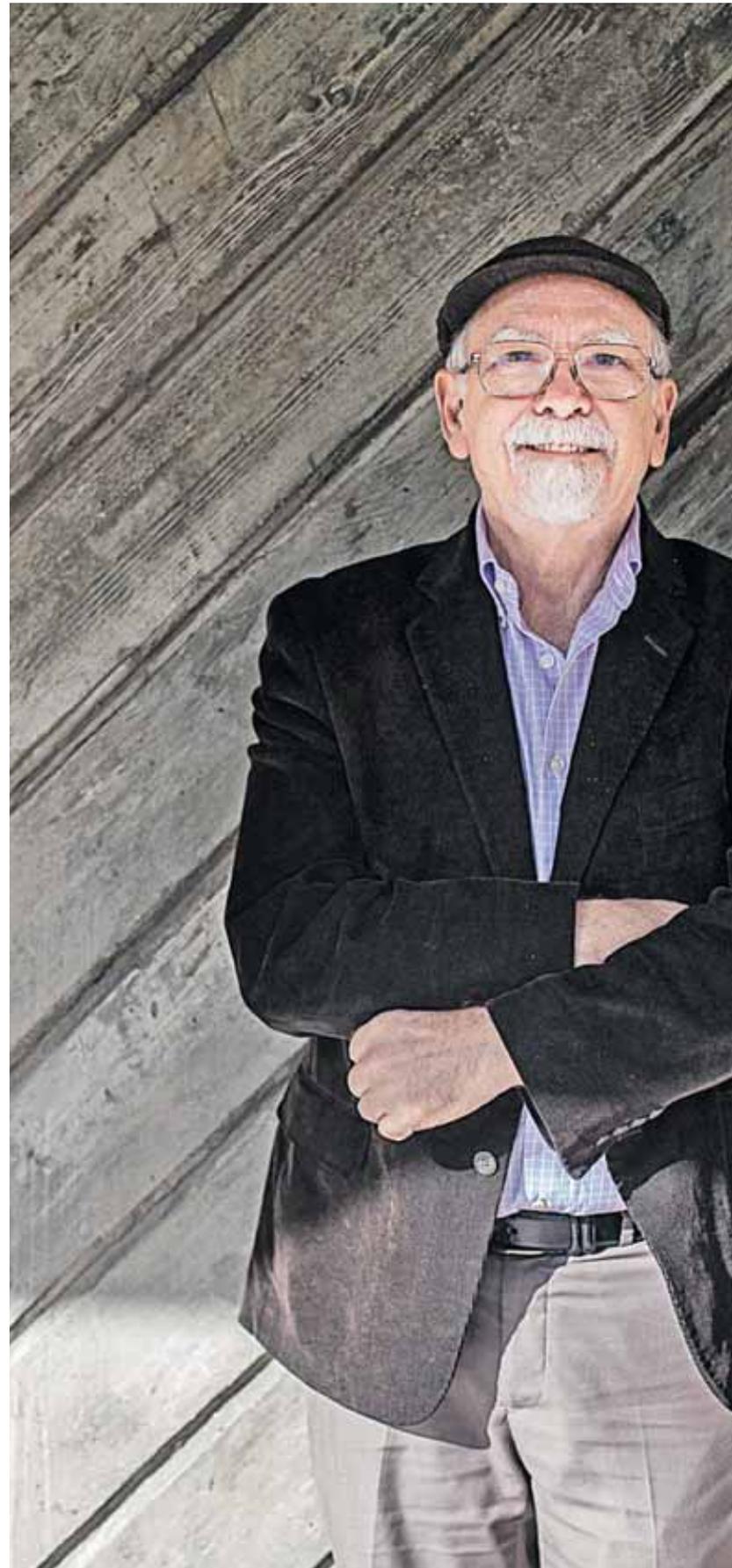
em que não haverá eleições justas por uma geração. Não gostaria de parecer tão apocalíptico, mas é verdade.

Esta crise no capitalismo pode ser resolvida com algumas alterações menores ao sistema ou requer uma abordagem mais radical?

Neste momento, creio que requer algo muito mais radical. A crise global de 2008-2009 foi uma espécie de repetição da crise de 1929-1933 e, nos dois casos, deu-se porque o sistema estava esgotado, tinha muitas contradições e precisava de um conjunto ousado de alterações estruturais para permitir um novo período de expansão económica. Depois da crise de 1929, o *New Deal* e as transformações da Europa que ocorreram durante o período do Plano Marshall foram necessários para criar o dinamismo dos 30 gloriosos anos. Basicamente, passámos estes últimos 11 anos a fingir que um pouco de austeridade aqui e algumas reformas menores ali e o capitalismo global iria recomeçar a funcionar. Os problemas que tínhamos antes não mudaram realmente.

No entanto, mesmo depois da crise de 2008, tem havido algum crescimento económico, ainda que mais lento.

Sim, mais lento. Em todos estes países, as tensões e conflitos políticos têm-se intensificado porque o crescimento económico lento não foi suficiente para resolver quaisquer problemas. Isso coincide com a crise do clima e com a crise da imigração. Na conferência, falei de um *Green New Deal*. Estamos num período em que o capitalismo global precisa, como escreve o *Financial Times*, de um *reboot*. Mas não é apenas uma questão de ligar e desligar, mas de levar a cabo grandes reformas que possam criar um novo período de crescimento. Essas reformas têm de implicar uma quantidade





Leia a entrevista na íntegra em
www.publico.pt

ADRIANO MIRANDA

significativa de redistribuição de rendimento e riqueza e têm de envolver um grande aumento do investimento público em energia limpa, em infra-estruturas, no fortalecimento do sistema de inovação em ciência e tecnologia e investigação. Creio que tudo isto é necessário para criar um novo período de dinamismo.

Para que isso aconteça, as pessoas têm de votar nesses programas.

Quando falo num *Green New Deal*, é porque é uma retórica que tem o potencial de criar uma maioria eleitoral. As pessoas podem ser persuadidas se a esquerda conseguir oferecer uma visão alternativa. O importante é que a alternativa não seja apresentada como algo tecnocrático, de cima para baixo. Tem de ser um projecto democrático, de pessoas organizadas, usando os instrumentos de governo para resolver este problema de forma colectiva a uma escala global. **A tecnologia verde também pode levar também a desigualdades.**

Creio que a única forma de pôr painéis solares em cima de todos os edifícios é se o *Green New Deal* tiver uma natureza popular e democrática. Isso torna possível levantar a questão da desigualdade e questionar se podemos taxar de volta algum do dinheiro que a indústria dos painéis solares está a fazer.

As questões ambientais são mais um pretexto para uma reforma do sistema ou são mais uma causa?

Vejo-as mais como uma causa. Se não respondermos de forma sólida, pode ser uma ameaça existencial. À medida que a crise climática vai piorando, há mais pessoas a ter de deixar as suas causas por causas relacionadas com o clima. E quem vai pagar pelos danos ambientais, pelos refugiados? Todas estas questões vão fortalecer a direita autoritária. Vejo os perigos da inação climática e da subida do autoritarismo como estando relacionados. Mas acho também que é uma oportunidade para levar a cabo estas reformas estruturais.

Defende que temos de olhar mais para o crescimento qualitativo em vez do quantitativo. Quer explicar?

O crescimento quantitativo é medido em variáveis como as que são usadas para calcular o produto interno bruto: produzimos 50 milhões de carros em vez de 12 milhões, logo, fazemos crescer a economia. O crescimento qualitativo significa melhorar a esperança de vida, vivendo mais anos, mas tendo também mais anos em que se tenha grande qualidade de vida; significa ter um ambiente melhor, mais limpo e mais resiliente; significa que as comunidades tenham mais serviços públicos de qualidade, que as pessoas tenham maior segurança salarial. Os ambientalistas estão certos quando dizem que atingimos um limite de produção de bens. Não precisamos de mais bens materiais, mas precisamos de ter uma economia que seja capaz de aumentar a qualidade de vida. Isso significa que não precisamos de produzir tantos carros, mas que os carros que produzimos devem ter zero emissões de carbono. As pessoas que defendem o crescimento zero estão certas, mas não na parte do *output* da economia. Se incluirmos estes objectivos qualitativos, o nosso *output* vai continuar a subir. Talvez fabriquemos menos coisas, mas vamos ter mais pessoas com maior segurança económica, empregos que serão mais intrinsecamente recompensadores. Devemos apostar em colocar um limite nos *inputs* da economia: usar menos mão-de-obra, usar menos recursos financeiros, usar menos matérias-primas, usar menos energia para produzir este *expanded output*. Portanto, zero crescimento no lado do *input*, enquanto continuamos a aumentar a qualidade de vida. **Isso leva a outras questões, nomeadamente laborais. Se não necessita de produzir tanto, não precisa de tantas pessoas a trabalhar.**

Devemos regressar à diminuição da semana de trabalho. Sabemos que as pessoas costumavam trabalhar 80 horas por semana, depois diminuimos para 40,

depois para 35 horas. Não há razão para que não trabalhemos 25 ou 20 horas por semana e distribuamos o trabalho por um maior número de pessoas.

Ainda assim, já temos alguns instrumentos tecnológicos que supostamente permitiram ter mais tempo livre, sem que as pessoas estejam a ser recompensadas por esses avanços. Depois há os veículos sem condutor num futuro próximo, os supermercados sem funcionários na caixa, alterações com grande impacto no mercado de trabalho.

Sim, mas este não é um problema tecnológico, é um problema social. Se estamos a criar mais *output*, com menos horas de trabalho, é apenas uma questão de perceber que podemos criar novas formas de emprego. Melhorar os rácios de



Passou a definir-se que toda a gente precisa de trabalhar mais e aumentou-se a idade da reforma. É uma resposta completamente patológica

funcionários nas creches e nos lares de idosos, para que os funcionários não estejam tão saturados com trabalho como estão agora. Temos vindo a fazer essa adaptação, desde a Revolução Industrial. Tem sido é mais rápida ou mais lenta, dependendo do equilíbrio político.

Desde há algum tempo, parece que esse deixou de ser o caminho.

Particularmente a seguir à crise de 2008-2009, a austeridade levou a que se fizesse o contrário do que precisa ser feito. Passou a definir-se que toda a gente precisa de trabalhar mais e aumentou-se a idade da reforma. É uma resposta completamente patológica. Não há

uma razão economicamente racional para que se aumente a idade da reforma. Temos pensado nas questões de emprego/desemprego, da reforma e do tamanho da força de trabalho de uma forma completamente errada durante todo este período desde a crise. Podemos continuar este longo processo de encolher o período de tempo de trabalho que cada indivíduo despende ao longo da vida. Encolhemos esse número dramaticamente desde o século XIX, reduzimo-lo substancialmente no século XX e precisamos de fazer ainda mais. **Essas mudanças que propõe implicariam regular fortemente o mercado de trabalho.**

Absolutamente. Precisamos de regular fortemente o mercado de trabalho. Apenas porque uma empresa descobre que consegue pôr pessoas transportar passageiros nos seus próprios carros não quer dizer que devamos deixá-la. A ironia é que demorou 50 ou 60 anos para fazer o sector dos táxis funcionar correctamente para os trabalhadores. E isso levou a grandes esforços regulatórios. A ideia de que se pode destruir todas essas regras e deixar que estas pessoas façam transporte por encomenda é ridícula. E é uma falsa solução tecnológica, uma vez que a Uber e a Lyft não têm quaisquer meios de produção. Tudo o que têm é uma plataforma na Internet, que pode ser copiada, pelo que podemos ter em qualquer grande cidade uma cooperativa de trabalhadores que possa gerir esse serviço, em que as pessoas possam ter um salário decente e em que os lucros não vão apenas para algumas pessoas em Silicon Valley. E, como escrevia o Erik Olin Wright, mesmo no núcleo da tecnologia avançada, temos estes exemplos de pessoas a colaborar horizontalmente e a criar algo de grande valor, como os códigos *open-source*, alguns dos programas de *software* dos quais a Internet depende, ou mesmo a Wikipédia. Isso sugere que um modo mais cooperativo de usar a tecnologia é completamente possível.

camilo.soldado@publico.pt